

A LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA EM TEMPOS DE CRISE: O CASO DE *HISTÓRIAS DA PANDEMIA*

CONTEMPORARY BRAZILIAN LITERATURE IN TIMES OF CRISIS: THE
CASE OF *HISTÓRIAS DA PANDEMIA*

Tairyne Teodoro Alves¹

Ana Paula Franco Nobile Brandileone²

Resumo: Este artigo tem como objeto de análise a coletânea *Histórias da pandemia* (Sereza, Monteleone, 2020), cuja criação literária tem como mote a experiência da pandemia da *Covid-19*. O estudo integra o projeto de pesquisa intitulado “A Literatura Brasileira Contemporânea em tempos de pandemia” (Etapa 1), financiado pela Fundação Araucária. A pandemia, que afetou de maneira profunda a vida em escala global, motivou escritores e escritoras a registrar os desafios e singularidades desse período. Considerando a diversidade e a fertilidade dessa produção literária, denominada “literatura da pandemia” (Moriconi, 2021), bem como a lacuna crítica frente à sua avaliação, em razão de sua recente manifestação no cenário da literatura brasileira contemporânea, torna-se pertinente a sua análise. O estudo teve como objetivo mapear e examinar de que forma a pandemia é figurada nos contos da coletânea. Para tanto, adotou-se abordagem quantitativa e qualitativa, fundamentada em bibliografia sobre a literatura brasileira contemporânea (Resende, 2008; Schollhammer, 2011) e sobre aspectos ligados à pandemia (Aguilar 2020, 2021; Moriconi, 2021; Brandileone, 2021; Birman, 2021). Os resultados indicam que as narrativas formalizam esteticamente experiências humanas em tempos de incerteza, oferecendo múltiplas perspectivas sobre os impactos sociais, psicológicos e culturais da crise sanitária.

Palavras-chave: Literatura brasileira contemporânea. Pandemia. *Covid-19*. *Histórias da pandemia*.

Abstract: This article analyzes the collection *Histórias da pandemia* (Sereza, Monteleone, 2020), which is centered on the experience of the *Covid-19* pandemic. The study is part of the research project entitled “Contemporary Brazilian Literature in pandemic period”, sponsored by Fundação Araucária. The pandemic, which profoundly affected life on a global scale, motivated writers to record the challenges and singularities of this period. Given the diversity of this literary production, called “pandemic literature” (Moriconi, 2021), as well as the critical gap in its evaluation, due to its recent manifestation in the contemporary Brazilian literary

¹Licencianda do curso de Letras Português/Inglês pela Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP-CCP) tairine.alvesls89@gmail.com / <https://orcid.org/0009-0008-3422-069X>

²Doutora em Estudos Literários pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Professora associada da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP-CCP). apnobile@uenp.edu.br / <https://orcid.org/0000-0001-5446-3957>

scene, the collection warrants critical analysis. The study aims to investigate how the pandemic is aesthetically represented in the collection's short stories. To do so, a quantitative and qualitative approach was adopted, based on specialized bibliography on contemporary Brazilian literature (Resende, 2008; Schollhammer, 2011) and on aspects of the pandemic (Aguiar 2020; 2021; Moriconi, 2021; Brandileone, 2021; Birman, 2021). The results indicate that the narratives formalize human experiences during periods of uncertainty, revealing multiple perspectives on the social, psychological, and cultural impacts of the health crisis.

Keywords: Contemporary Brazilian literature. Pandemic. *Covid-19. Histórias da pandemia*

A pandemia na literatura brasileira contemporânea

A pandemia da *Covid-19* foi um dos eventos sanitários de maior impacto do século XXI. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), até dezembro de 2023, o número de mortes causadas pela *Covid-19* ultrapassou a marca de sete milhões em todo o mundo. Declarada emergência internacional em 2020, a pandemia não apenas sobrecarregou os sistemas de saúde e colapsou economias, como também reconfigurou a maneira como os sujeitos vivenciaram o tempo, o espaço e os vínculos sociais e interpessoais. Nesse contexto, como postula Birman (2021, p. 63), a pandemia promoveu:

[...] a desconstrução frontal do mundo contemporâneo pela paralisação quase completa do funcionamento da economia internacional, assim como dos laços sociais. Pela suspensão da quase totalidade das práticas comerciais e de ensino, escolas e universidades passaram a ter cursos apenas de forma virtual e não presencial, assim como espaços religiosos e de lazer instituídos pela interdição sanitária generalizada de evitamento de aglomerações para impedir as possíveis contaminações virais entre os indivíduos.

Esse cenário de ruptura radical, marcado pela suspensão da rotina, teve reverberações significativas na esfera cultural, principalmente na literatura. Brandileone (2021, p. 24) aponta que “Nesse contexto de incertezas e suspensões, escrever foi uma saída para externalizar sentimentos e preocupações desses tempos tão difíceis”. Observa, ainda, que se para alguns a crise sanitária propiciou um tempo não favorável para criação, devido às inseguranças trazidas pelo período, para outros tornou-se força motriz, oferecendo um inesperado tempo de reflexão e criação. Como consequência desse desejo de traduzir em palavras essa nova configuração de vida causada pela crise da *Covid-19*, surgiu um vasto campo de obras literárias, que teve como ponto de partida a experiência vivida durante a pandemia. Diante do conjunto de obras literárias

publicadas, tendo a pandemia como mote da criação literária, o crítico literário Ítalo Moriconi (2021) denominou-a “literatura da pandemia”.

Dada a recente manifestação dessa produção no cenário da literatura brasileira contemporânea, entende-se que essa produção literária deve ser objeto de análise e reflexão, de um lado porque oferece diferentes perspectivas sobre a experiência humana, matéria prima da Literatura e, de outro, pela lacuna do papel da crítica literária frente à avaliação dessas obras, elaboradas no calor da hora. A fim de contribuir para o estabelecimento de uma fortuna crítica sobre o tema, este estudo tem por objetivo mapear e analisar os contos da coletânea *Histórias da pandemia* (Sereza; Monteleone, 2020).

Para tanto, os contos foram examinados a partir de algumas categorias de análise, cujo levantamento de dados foi feito pelo preenchimento de formulário elaborado na Plataforma *Google Forms*, contendo 34 questões. Considerou-se o perfil da autoria, os operadores de leitura do texto narrativo (personagem, espaço, foco narrativo, tempo, etc), bem como aspectos ligados ao contexto pandêmico (relação com o contágio e transmissão do vírus, as sequelas e os conflitos gerados pela pandemia). Sob uma abordagem metodológica quanti e qualitativa, a coleta de dados visou compreender como essas narrativas traduzem e formalizam esteticamente a experiência humana em um tempo de incertezas, excepcionalidades e suspeição.

As narrativas da crise: levantamento e análise dos contos de *Histórias da pandemia*

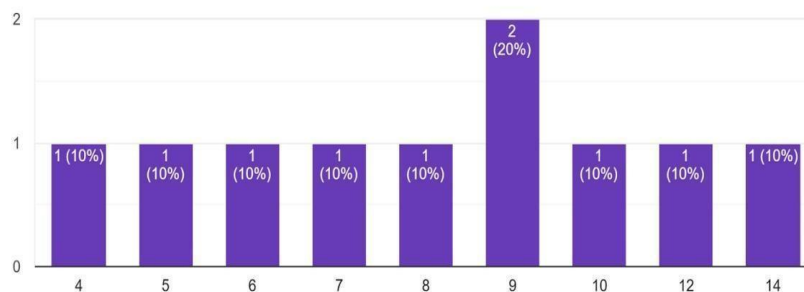
O livro *Histórias da pandemia* é uma iniciativa da Editora Alameda, que surgiu como resposta literária à experiência do período pandêmico da *Covid-19*. E, por isso, oferece aos leitores um espaço de identificação e reflexão, permitindo-lhes compreender e elaborar as nuances emocionais, sociais e coletivas vivenciadas. Lançado gratuitamente em 25 de abril de 2020, o livro substituiu a festa de comemoração dos 16 anos da casa editorial, suspensa devido ao isolamento social.

No que se refere à autoria dos contos, a coletânea reúne 10 escritores, sendo 6 mulheres e 4 homens, com idade entre 31 e 73 anos, oriundos, em sua maioria, de São Paulo, 5 deles. O restante dos autores advém dos estados do Amapá, Bahia, Espírito Santo, Pará e Rio Grande do Sul. Em relação a questões formais, observamos que são narrativas relativamente longas, sendo a maioria composta por mais de seis páginas, o que permite uma exploração mais minuciosa das diferentes realidades retratadas, como consta no gráfico a seguir:

Gráfico 1 - Número de página nos contos

Número de páginas

10 respostas



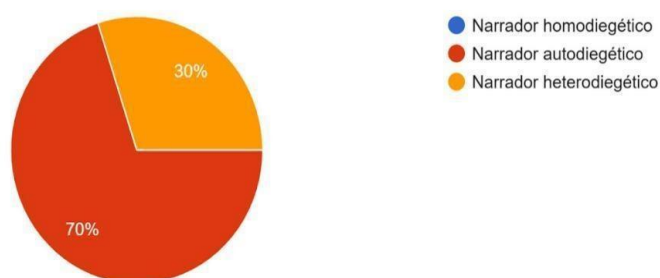
Fonte: Das autoras (2025)

A seguir, gráficos que figuram os diferentes focos e vozes narrativas:

Gráfico 2 - Categoria narrativa

CATEGORIA NARRATIVA

10 respostas

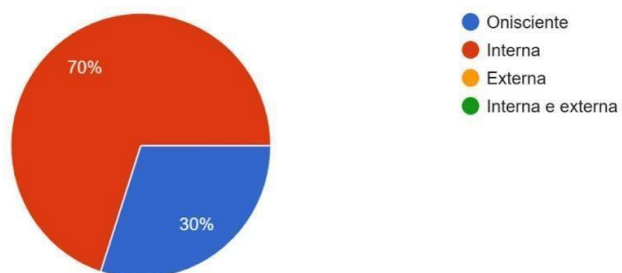


Fonte: Das autoras (2025)

Gráfico 3 - Focalização narrativa

FOCALIZAÇÃO

10 respostas



Fonte: Das autoras (2025)

Nota-se, nos dados apresentados, que a narração centra-se, em sua maioria, no narrador autodiegético, que é aquele que “[...] relata as suas próprias experiências como personagem central da história” (Reis; Lopes, 1988, p. 118). Essa voz narrativa oferece ao leitor uma perspectiva sobre os impactos subjetivos provocados pela pandemia nos personagens, correspondendo a 70% dos contos. Em *A febre vai lhe cobrir os ossos*, de Paloma Franca Amorim, por exemplo, acompanhamos a vida do narrador protagonista, cujo mundo é profundamente alterado pela crise sanitária:

Lá fora está tudo muito esquisito, às vezes eu saio de bicicleta e passo rápido pelos lugares onde antigamente eu costumava parar um pouco, sentar, respirar, levar uma conversa extensa, de muitas pausas, largas reverências ao silêncio. Os carros passariam na avenida, sempre em sua maneira triste de correr de si mesmos. E estaríamos ali, novamente, nas calçadas, cantando talvez, ou rindo, ou chorando. Agora tudo é muito vazio, vazio como o fundo de um copo onde ninguém bebeu (Amorim, 2020, p. 9).

Ao observarmos o mundo a partir do seu ponto de vista, pode-se notar as transformações ocasionadas pela pandemia, seja no âmbito individual, seja no coletivo. O trecho contrapõe dois tempos distintos (antes e durante a pandemia): o passado, marcado por encontros, conversas e vivências compartilhadas, e o presente, permeado pelo vazio e pela ausência, expondo os efeitos causados pela medida sanitária de isolamento. Também acompanhamos seus dilemas morais e dificuldades.

Responsável pelos cuidados do pai, idoso e debilitado, ele o visita regularmente em seu pequeno apartamento, levando mantimentos. Enquanto enfrentam os desafios do isolamento, o narrador e seu pai observam a crescente influência de Eni, uma jovem ativista que, através da TV, defende uma radical redistribuição de riquezas e o sacrifício dos ricos pelos pobres. No desfecho do conto, após o discurso de Eni, o pai do protagonista morre de maneira súbita, intensificando o efeito produzido pela cena final e pelo discurso de Eni.

Em outros contos, a voz narrativa está fora das situações narradas, configurando 30% deles: narrador heterodiegético com focalização onisciente. Embora menos recorrente, essa configuração narrativa apresenta uma visão mais abrangente dos acontecimentos, contemplando tanto a dimensão interna quanto externa das personagens, como no conto *O fim da selvageria*, de Patrícia Berton:

O medo paralisa. Nos assombra. Tira o chão de debaixo dos nossos pés. E quando o medo atinge grande parte da população deste planeta que tem acesso à TV, ao celular, aos jornais, a sites e às fofocas dos amigos colegas familiares, ficamos assim.

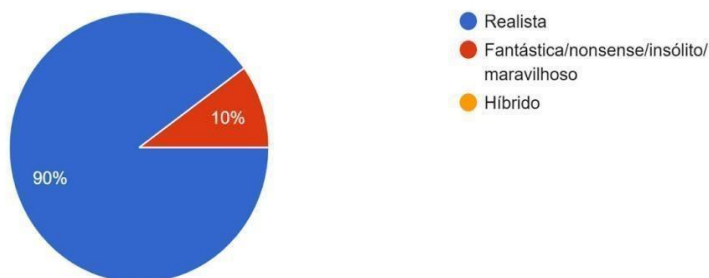
Paralisados, entorpecidos, carrancudos, zonzos. [...] Nora não tinha medo da morte. Era claro para ela que não era uma questão de *se*, mas uma questão de *quando*. Não damos conta de lidar com a certeza da morte, ela sabia. Mas isso não fazia a morte deixar de ser uma certeza. Só não podemos saber quando (Berton, 2020, p. 69-70).

O contraste entre o medo coletivo e a inquietação da personagem revela o papel do narrador de articular perspectivas individuais e sociais dentro da narrativa, ampliando as diferentes experiências vividas na pandemia. Termômetro disso é a percepção de Nora sobre a desigualdade social, intensificada pela pandemia, o que a leva a questionar o modelo de sociedade fundamentado no individualismo. Contudo, à medida que a história avança, a personagem transita desse estado de desassossego para uma postura de esperança, conjecturada pela pausa imposta pela pandemia, compreendida como oportunidade para a transformação social.

As categorias, a seguir, mostram-se complementares, porque vinculadas a uma das linhas de força da literatura brasileira contemporânea, a presentificação (Resende, 2008), que se caracteriza pela urgência em representar, literariamente, o espaço e o tempo do agora:

Gráfico 4 - Representação narrativa

REPRESENTAÇÃO
10 respostas



Fonte: Das autoras (2025)

Com relação à representação narrativa, observa-se que grande parte da coletânea é marcada pela tônica realista, presente em 90% dos contos. Essas narrativas buscam representar experiências cotidianas marcadas pela crise sanitária, mobilizando personagens e conflitos socialmente reconhecíveis. Apenas um conto se afasta dessa dimensão, apresentando elementos do fantástico, o que o torna uma exceção dentro do conjunto. É o caso do conto *Brasil Caramelo*, de Evanilton Gonçalves, em que somos apresentados à perspectiva de um filhote de cachorro, ainda no ventre da mãe, que perambula pelo Centro Histórico de Salvador, durante o período pandêmico. Sendo assim, todos os demais contos da coletânea relacionam-se à

tendência realista e permanecem centrados no “olhar para o presente”, conforme o próximo gráfico:



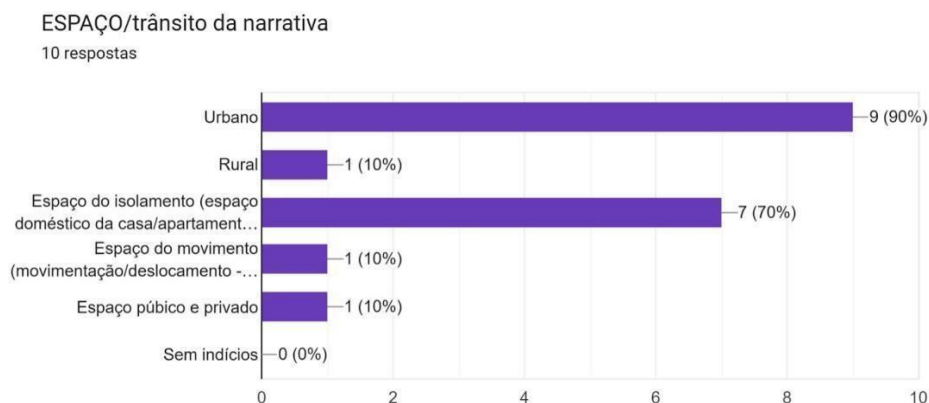
Fonte: Das autoras (2025)

Nesse contexto, Aguiar (2020) propõe uma configuração temporal para analisar as narrativas relacionadas à realidade pandêmica, identificando três grupos distintos em relação ao “depois” da pandemia. O primeiro grupo reúne histórias cujos protagonistas não especulam sobre o futuro, concentrando-se inteiramente no presente. Nesse tipo de narrativa, o passado é evocado apenas como referência ao período anterior à crise sanitária, funcionando como parâmetro de comparação, enquanto os personagens lidam diretamente com as problemáticas impostas pela crise sanitária. O segundo grupo compreende as narrativas distópicas, caracterizadas por uma visão de descrença quanto a tempos melhores, e o terceiro, as narrativas utópicas, que projetam uma perspectiva de esperança e possibilidade de dias mais favoráveis. Na coletânea analisada, percebemos que todos os contos pertencem ao primeiro grupo e concentram-se no ‘agora’, ou seja, na experiência imediata dos personagens diante da pandemia.

Com base na configuração temporal e na abordagem realista dos contos, é possível relacioná-los a uma das linhas de força da literatura brasileira contemporânea, denominada presentificação (Resende, 2008). Nessas narrativas, há a preocupação em retratar o momento presente, o “aqui e o agora”, a fim de expressar os efeitos gerados pela pandemia. Assim, os personagens situam-se em um tempo e espaço marcados pelo contexto pandêmico e precisam lidar com os problemas advindos da crise. Desse modo, os contos estabelecem vínculo com a realidade histórica do escritor (Schollhammer, 2011), o que se evidencia tanto na tônica realista das obras quanto na intenção de captar o momento vivido, de forma imediata e urgente.

Além das categorias temporais e da tônica realista predominantes na coletânea, a representação do espaço também desempenha papel relevante, sobretudo por se relacionar, em algumas narrativas, à classe social dos personagens. O gráfico a seguir ilustra como está representado o espaço nos contos:

Gráfico 6 - Espaço na narrativa



Fonte: Das autoras (2025)

Na categoria do espaço narrativo, observamos que a maioria das narrativas está situada no espaço urbano, correspondendo a 90% delas. Apenas um conto é ambientado na zona rural. É o caso do conto *Desmemórias do vírus*, de Márcia Denser, que apresenta a intensa experiência da narradora protagonista durante a crise da *Covid-19*. Vivendo isolada em um sítio no interior de Minas Gerais, ela reflete sobre as mudanças no Brasil e no mundo, criticando a gestão política do país. Além das preocupações coletivas, a narradora também expõe dificuldades pessoais. Entre elas, destacam-se os problemas de saúde, o envelhecimento e a solidão.

No contexto da produção literária relacionada à pandemia, Aguiar (2021) propõe uma configuração espacial, que divide em “espaço do isolamento”, “espaço do movimento” e “espaço público e privada”, associando-a ao estrato social dos personagens. No espaço do isolamento, afirma o estudioso “[...] o enfoque reside na vida de personagens das classes médias e altas das cidades brasileiras, [...] [que] vivem em uma situação de isolamento social e precisam lidar com os problemas advindos dessa situação” (Aguiar, 2021, p. 201). Nesta categoria estão os indivíduos que, durante a pandemia, puderam aderir ao chamado “novo normal”, adotando o regime de *home office* e mantendo, total ou parcialmente, sua renda. Nestes casos, os conflitos se concentram, principalmente, em questões internas ou em tensões familiares e de relacionamento.

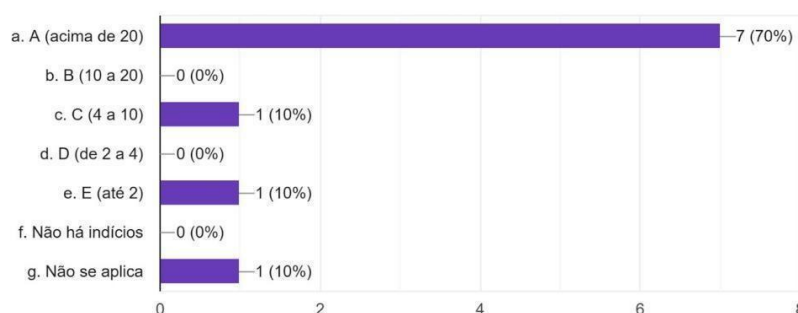
Em contraste com o espaço do isolamento, inscreve-se o espaço do movimento que se relaciona às classes baixas, cujos protagonistas circulam pelos espaços públicos. Trata-se, em sua maioria, de trabalhadores informais ou mal remunerados, que foram forçados a arriscar a sua vida e a de seus familiares na busca pela sobrevivência durante a pandemia. Já a categoria do espaço público e privado caracteriza-se por narrativas que articulam ambos os espaços, nos quais os personagens, independentemente de sua classe social, transita entre eles.

Nos contos aqui em análise, as narrativas centradas no espaço do isolamento são maioria e correspondem a 70% do total, seguidas por narrativas que se desenvolvem no contexto do espaço do movimento e dos espaços públicos e privados, 10% em cada uma das categorias³. Nesse contexto, torna-se relevante verificar a distribuição da classe social dos personagens, conforme ilustrado no gráfico a seguir:

Gráfico 7 - Classe social dos personagens

5. CLASSE SOCIAL/ESTRATO SOCIAL (com base no IBGE)

10 respostas



Fonte: Das autoras (2025)

A análise da classe social dos personagens revela uma distribuição bastante significativa: 70% pertencem à classe A, 10% à classe C e 10% à classe E. Importa destacar que a identificação da classe social dos personagens se dá por inferência textual. Elementos como profissão, local de moradia, acesso à internet e tecnologia, padrão de consumo e formas de enfrentar a pandemia (isolamento ou necessidade de continuar trabalhando) foram fundamentais para posicionar os personagens em determinada faixa social⁴. Para compreender

³ Uma das narrativas não foi inserida no contexto espacial elaborado por Aguiar (2021), pois não retrata propriamente a pandemia de *Covid-19*. Trata-se do conto “As mortes de Antônio Valle”, de Marcelo Godoy. A narrativa conduz o leitor por diferentes recortes temporais, evocando acontecimentos pregressos, como a Revolução de 1932.

⁴ No conto “Brasil Caramelo”, de Evanilton Gonçalves, não analisamos a classe social, pois o protagonista é um personagem não humano.

melhor esses dados, é importante esclarecer que o IBGE (2024) classifica a população com base em faixas de renda, mais especificamente por salários mínimos. A classe A refere-se a famílias com renda mensal acima de 20 salários mínimos, representando os grupos com maior poder aquisitivo. Já a classe C, famílias com rendimentos totais de 4 a até 10 salários mínimos, sendo a classe E, com renda de até 2 salários mínimos, representando os grupos com menor poder aquisitivo.

A exemplo de narrativa centrada no espaço do isolamento, em *Quem faltou?*, de Luana Chnaidermann, acompanhamos a vida da narradora protagonista, uma professora que enfrenta a chegada da emergência sanitária. De um cotidiano de sala de aula, passou, de maneira repentina, para o silêncio e o vazio do ambiente virtual:

No dia 02 de Abril, uma quinta feira, tivemos nosso primeiro encontro virtual. Que loco, comentou o Nuno. Também acho, escrevi. Juntamos a sexta A e a sexta B. Nos e-mails os alunos chamam zion 45, friends forever, aka 34. E no lugar das fotos, desenhos de personagens que desconheço. Vamos mudar isso aí, pessoal, não dá para saber quem é você. Muda. Cinquenta e cinco pessoas. Fiz a chamada. O nome de cada um. Na ordem. Ninguém podia interromper o outro. Microfones desligados. Cada um deveria contar onde estava, mostrar uma coisa que quisesse da casa, contar se está escrevendo o diário que pedi. Nem todo mundo tem computador, internet, nem todo mundo tem esse tempo essa hora, quantas famílias têm um computador para cada pessoa da casa? Ia chamando e as alunas, os alunos, apareciam na tela, as caras boas de crianças, e me deu vontade de chorar (Chnaidermann, 2020, p. 95).

O excerto evidencia os efeitos do isolamento social sobre a protagonista e sua prática docente, revelando tanto os limites tecnológicos quanto os sociais, já que parte dos alunos não possuía condições materiais adequadas para acompanhar as aulas remotas. Conforme o trecho, a experiência mediada pela tela não apenas exigiu estratégias pedagógicas adaptadas, mas também esforço contínuo para manter vivo os vínculos afetivos, devido às barreiras impostas pela virtualidade.

Quanto ao espaço do movimento, destaca-se apenas o conto *Brasil Caramelo*, de Evanilton Gonçalves, cujo personagem não humano desloca-se exclusivamente para locais públicos. Vinculado à categoria do espaço público e privado, pode-se citar o conto *O fim da selvageria*, de Patrícia Berton, que mostra a tensão entre os espaços público e privado, os quais se mesclam no cotidiano da personagem. Exemplo disso é quando Nora redescobre a cidade, atentando-se a aspectos da natureza, antes despercebidos. Desse modo, se para muitos o espaço público era ameaça, para a protagonista é local de reconexão subjetiva, alívio do peso do isolamento:

Ela aproveitava o sol da manhã para andar. As ruas estavam silenciosas e o céu, que era sempre cinza, tinha se transformado num céu muito azul. Os parques da cidade haviam sido fechados. Então muitas pessoas que costumam correr em parques passaram a correr na rua. Literalmente. No meio da rua, onde quase não se via carros nem motos. Em contraste com as ruas desertas e as casas fechadas, as árvores pareciam estar em êxtase, mais verdes e mais exuberantes. Com o silêncio da reclusão da população, era possível ouvir mais passarinhos por mais tempo. Eles cantam o dia todo, mas antes da quarentena não era possível ouvi-los tão intensa e lindamente (Berton, 2020, p. 72).

Ao aprofundarmos na análise das características dos personagens, constata-se que a maior parte deles é humano, correspondendo a 90%, o que justifica a forte tônica realista que perpassa a coletânea. Contudo, conforme exposto, o conto *Brasil Caramelo* é conduzido por um narrador protagonista não humano: um cachorro ainda no ventre da mãe. Essa escolha rompe, ainda que pontualmente, com a perspectiva estritamente humana predominante nos demais textos, introduzindo uma voz narrativa inusitada. Ademais, os personagens apresentam uma divisão quase equilibrada entre homens e mulheres, 60% e 40%, respectivamente.

Já faixa etária dos personagens distribui-se entre adultos e idosos, sendo que em 50% dos contos os protagonistas encontram-se na idade adulta, e 40%, em situação de velhice. Essa composição etária possibilita que o leitor perceba, de um lado, como a pandemia da *Covid-19* impactou diferentes fases da vida e, de outro, o retrato plural das experiências vividas durante a pandemia.

Entre outras características, notamos, ainda, que os personagens dos contos possuem diferentes profissões: escritora em *Desmemórias do vírus*, de Márcia Denser; estudante em *Supernova*, de Felipe Cruz; jornalista em *O fim da selvageria*, de Patricia Berton; militar em *As mortes de Antônio Valle*, de Marcelo Godoy, e professora em *Quem faltou?*, de Luana Chnaidermann. Em outros contos, entretanto, a ocupação do personagem principal não é explicitada, como em *Ciúmes*, de Luiz Kignel, *O tempo*, de Vera Moll, *A febre vai lhe cobrir os ossos*, de Paloma Franca Amorim, e *Pancada*, de Marana Borges.

Também a nacionalidade e a cor estão entre as características analisadas em relação aos personagens. Com relação à nacionalidade, os personagens são majoritariamente brasileiros, correspondendo a aproximadamente 70% das narrativas. Percebemos, contudo, a presença de dois contos em que a nacionalidade do personagem protagonista não é explicitada. Já a cor do personagem foi um aspecto figurado em apenas um conto, *A febre vai lhe cobrir os ossos*, de Paloma Franca Amorim. Pode-se inferir que a ausência de marcações raciais explícitas esteja relacionada ao foco dessas histórias, que priorizam a subjetividade dos protagonistas e a dimensão social da experiência vivida durante o surto global da *Covid-19*.

O gráfico a seguir aponta para as emoções/sentimentos despertados nos protagonistas dos contos com o surgimento da pandemia:

Gráfico 8 - Emoções/sentimentos despertados com o surgimento da pandemia



Fonte: Das autoras (2025)

As emoções mais recorrentes nas narrativas analisadas foram a angústia e a ansiedade, presente em aproximadamente 80% dos contos. Em seguida, destacam-se o medo da morte/futuro, manifestado em 40% das narrativas; a sensação de emparedamento em 20%; a indignação em 20%; o luto em 10% e a esperança em 20%. Ademais, identifica-se sentimentos como solidão, depressão e ciúmes, ampliando o espectro emocional retratado nos contos. Cabe ressaltar que os protagonistas podem manifestar diferentes respostas emocionais diante da crise sanitária e seus desdobramentos. Nesse sentido, múltiplas manifestações emocionais podem emergir simultaneamente na vivência dos personagens.

Tais dados encontram ressonância em registros empíricos, pois de acordo com informações divulgadas pela CNN, em março de 2022, a Organização Mundial da Saúde (OMS) apontou que, no primeiro ano da crise sanitária, a prevalência global de ansiedade e depressão apresentou um aumento de 25%. Dessa forma, as narrativas incorporam as diversas nuances emocionais provocadas pela pandemia, que lançou os sujeitos para um tempo de suspensão.

É o caso do conto *O tempo* de Vera Moll, no qual acompanhamos a vida da narradora protagonista, Maria Eufrásia, que mantém contato com os familiares por meio de ligações telefônicas e reflete sobre os impactos da pandemia sobre sua vida e a de seus familiares. A doença respiratória do marido é preocupação adicional, já que tem que lidar com a visita regular de enfermeiros, e com a ida ao médico para consultas extras. O medo e ansiedade provocados

pela iminente contaminação, culminam no desenvolvimento da obsessão por limpeza, o que reflete o seu esforço de proteger a si mesma e ao marido de uma ameaça invisível, como revela o trecho a seguir:

[...] E, de repente, me dei conta, eu também surtei, surtei quando estava no hospital, surtei quando entra o enfermeiro que vem todos os dias aplicar o antibiótico, surto quando vamos ao médico para a revisão, surto quando o levo para a radiografia de pulmão. [...] Então me dou conta, lavo a mão antes e depois de qualquer coisa que faça, de cinco em cinco minutos, de quinze em quinze minutos, de meia em meia hora. Nos intervalos passo álcool gel 70, em um processo de limpeza autofágico, tenho mania de lavar as mãos, e foi por ela que o surto me pegou. Eu também estou enlouquecendo (Moll, 2020, p. 29).

Em outro trecho, a protagonista expressa sua indignação com o confinamento prolongado, revelando que a suspensão das atividades cotidianas e do convívio social impactam profundamente o bem-estar psicológico e emocional, sobretudo dos idosos. Também expõe o sentimento de desamparo frente às restrições impostas pela crise sanitária, que converteram atos simples de sociabilidade - abraçar familiares, comemorar datas especiais ou encontrar amigos - em impossibilidades, intensificando a sensação de emparedamento. Daí o sentimento de impotência e de vulnerabilidade, como alude o excerto:

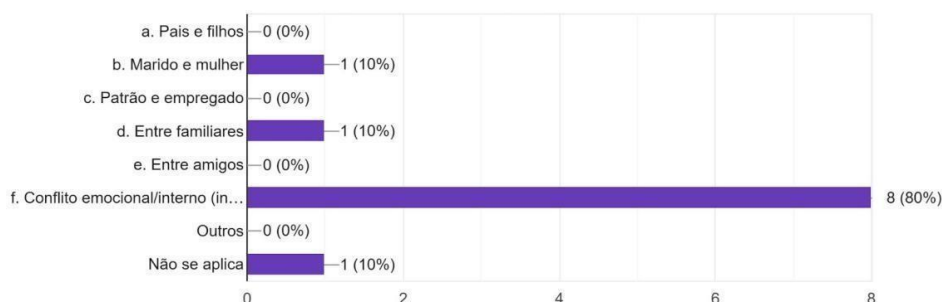
Há quanto tempo estamos em casa? Quinze dias? Vinte? O confinamento, em um primeiro momento, é sentido como um alívio para aqueles que vivem saturados pelo excesso de trabalho, de ir e vir, de fazer e acontecer, do incessante movimento social de se encontrar, de se ver, de se tocar, de sorrir, de pelejar para ganhar o pão nosso de cada dia. E agora, o pão vai ser um maná que cai do céu? Até quando? Até quando os idosos vão suportar a vida sem os filhos e os netos, sem o abraço dos amigos, sem o sorriso à volta, sem comemorar um aniversário, um batizado ou se reunir com a família para o almoço de domingo? E o chope como os amigos? Até quando suportaremos o isolamento social e fraterno? (Moll, 2020, p. 26).

A partir da análise das respostas emocionais desencadeadas pela pandemia, os gráficos a seguir apresentam a distribuição dos conflitos associados ao período pandêmico e seus diferentes tipos:

Gráfico 9 - Conflitos gerados pela pandemia da COVID-19

4.1 Relações sociais

10 respostas

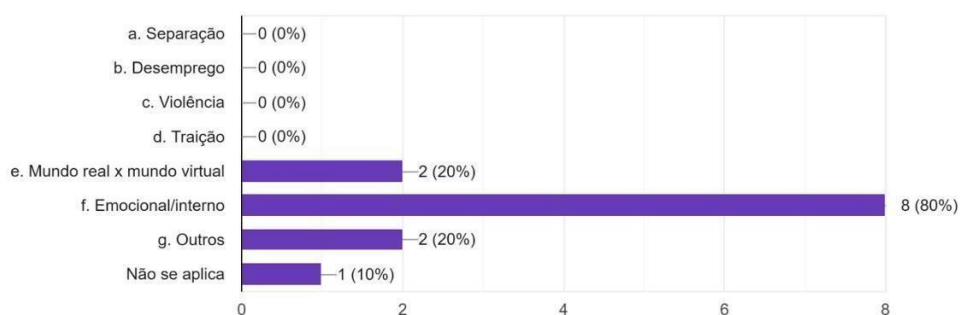


Fonte: Das autoras (2025)

Gráfico 10- Tipos de conflitos

4.2 Tipos

10 respostas



Fonte: Das autoras (2025)

Segundo os dados quantitativos, cerca de 80% dos personagens revelam-se profundamente impactados pelas transformações súbitas impostas pela pandemia, sendo levados a confrontar suas próprias fragilidades. Além da instabilidade emocional, presente na maioria dos contos, destacam-se os conflitos entre marido e mulher (10%) e os que envolvem os familiares (10%), que se desdobram em conflitos internos, do mundo real *versus* mundo virtual, de ciúmes e convivência.

No conto *Ciúmes* de Luiz Kignel, por exemplo, evidenciamos o conflito conjugal, que se manifesta a partir do ciúme. A narrativa apresenta um diálogo bem-humorado entre marido e esposa durante o isolamento. A mulher expressa o medo de ficar viúva e insiste que deseja morrer antes do marido, pois não suportaria a solidão. Sua fala reflete o temor, experimentado

por muitos, com a ameaça iminente da morte, reacendendo o alerta de que o ser humano é apenas mais uma espécie viva do planeta:

— Eu não quero morrer de repente! Só quero morrer antes de você. Não vou conseguir ficar sozinha. Se ficarmos infectados eu já estou te avisando.

— Meu amor, ninguém está infectado. Estamos em isolamento em casa. Não vai acontecer nada, pare de se preocupar. Além disto você nunca vai estar sozinha. Temos famílias enormes (Kignel, 2020, p. 59).

Embora o marido tente tranquilizá-la, a conversa toma um rumo inesperado quando ela lança a hipótese de um possível segundo casamento. A partir desse ponto, instala-se uma discussão, permeada pela suspeita de traição:

— Você vai ficar viúvo, sozinho. Está com a vida arrumada, conservado. Vai chover mulher interesseira para o teu lado. E aí? Você ainda não respondeu. Vai casar de novo?

— Meu amor, pode acreditar. Eu nunca pensei nisso antes.

— Para isso não precisa pensar. É uma coisa que você deseja ou não deseja. Então tem que responder o que vem do fundo do seu coração.

— Bem, lá sei em que situação isso vai acontecer. Mas eventualmente eu poderia considerar a hipótese de casar novamente.

— Você está pensando em me trair? E ainda assume isso na minha frente!

— Eu nunca pensei em te trair.

— Como não? Acabou de falar que vai casar de novo!

— Mas eu vou estar viúvo! Ora, eu também não quero ficar sozinho nesse mundo se você tiver ido embora antes.

— Que pressa, ein? Meu corpo nem esfriou no caixão e você já estará correndo atrás de um rabo de saia. Uma falta de vergonha de sua parte (Kignel, 2020, p. 61- 62).

No desfecho do conto, a esposa inverte sua posição inicial e conclui que o marido deve morrer primeiro, garantindo que não seja substituída por outra mulher. Nesse sentido, o conto expõe, de maneira bem-humorada, as tensões conjugais, pondo à mostra que o ciúme pode se manifestar até mesmo em situações extremas, como na iminência da morte.

No conto *Supernova*, de Felipe Cruz, a situação narrativa gira em torno do conflito familiar entre o narrador protagonista e seu primo, Junior, vítima da *Covid-19*. Ao sabor de suas memórias, o protagonista relembra a infância e os bons momentos compartilhados. Um mal-entendido, contudo, rompe o vínculo entre eles, que crescem afastados, apesar de dividirem o mesmo espaço. Com a chegada da pandemia, Júnior, que trabalhava como mototaxista, nega-se a parar de trabalhar:

Quando a quarentena foi anunciada, todos nós sabíamos que ninguém ia convencer o Júnior a parar de trabalhar – ele não ia deixar de ganhar dinheiro e, principalmente, de andar de moto. Minha mãe também continuou a trabalhar no shopping no começo

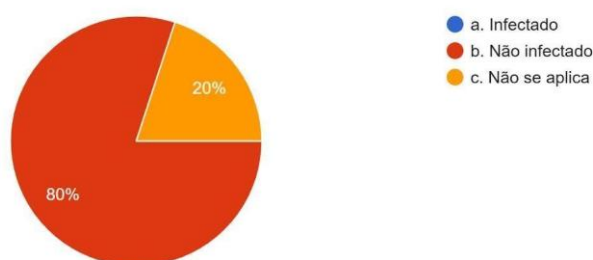
da quarentena, o que dificultava dizer pro Júnior que ele precisava ficar em casa, “Mas e a titia, vovó?! Também tá trabalhando!”, “Mas ela não manda em nada! Tu podes sossegar, Júnior!”, “Ah tá bom, quem paga a moto?!”. O que a gente ia dizer? [...] Mesmo depois que o shopping fechou, o Júnior insistiu. “Ninguém sabe se a titia recebe mês que vem! E quem vai continuar a comprar bolo nesses tempos?!”. Eu só falei sobre isso com ele uma vez. “Com que dinheiro a gente vai enterrar se alguém morrer?”(Cruz, 2020, p. 40).

De forma contundente, o trecho revela a contradição vivida por muitas famílias brasileiras durante o período pandêmico: a necessidade de garantir a renda familiar e, ao mesmo tempo, preservar a saúde diante de uma força invisível. A situação ficcional evidencia desigualdades sociais intensificadas pela pandemia, porque para muitos sujeitos o isolamento não era uma possibilidade concreta.

Aspecto ausente nas narrativas é a relação dos personagens com a doença, seja a infecção, seja a transmissão da doença, conforme os gráficos a seguir:

Gráfico 11 - Relação com a pandemia da covid-19

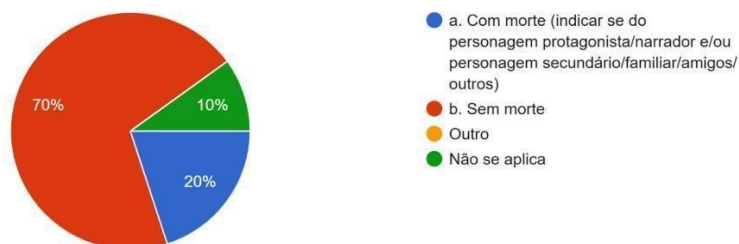
1. RELAÇÃO COM PANDEMIA DA COVID-19
10 respostas



Fonte: Das autoras (2025)

Gráfico 12 - Transmissão da covid

2. TRANSMISSÃO DA COVID
10 respostas



Fonte: Das autoras (2025)

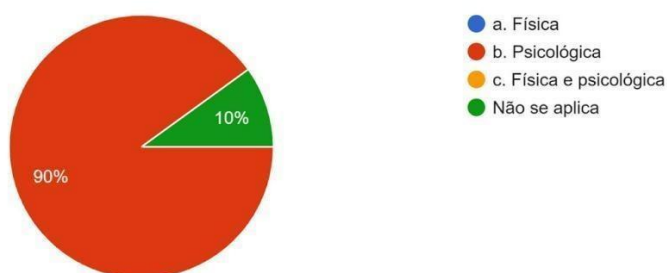
Entre os contos examinados, nenhum protagonista se contamina com a doença, totalizando 80%, sendo que em 20% deles esta categoria analítica não se aplica, como é o caso de *Brasil Caramelo*, de Evanilton Gonçalves, por ter um protagonista não humano, e *As mortes de Antônio Valle*, de Marcelo Godoy, por não tratar da pandemia da *Covid-19*. No mais, apenas dois contos fazem referência direta à morte pela *Covid-19* e, ainda assim, vinculada a personagens secundários, como em *A febre vai lhe cobrir os ossos*, de Paloma Franca Amorim, no qual o protagonista perde o pai, e em *Supernova*, de Felipe Cruz, em que o protagonista perde seu primo.

Estes dados demonstram que a coletânea não privilegia uma abordagem centrada na dimensão biomédica da doença, seja no que diz respeito à descrição clínica da infecção e aos seus sintomas, seja nos processos de transmissão do vírus. Pelo contrário, as narrativas deslocam o olhar para os efeitos subjetivos e sociais da crise sanitária, demonstrando os efeitos causados na experiência cotidiana e nas relações interpessoais. As histórias enfatizam, sobretudo, os impactos psicológicos da crise sanitária, expressos por sentimentos como angústia, ansiedade e medo. Esta ênfase nos efeitos psicológicos ganha relevância na próxima categoria a ser analisada, as sequelas da *Covid-19*:

Gráfico 13 - Sequelas da covid 19

5. SEQUELAS DA DOENÇA/PANDEMIA

10 respostas



Fonte: Das autoras (2025)

No gráfico, verifica-se que os impactos mais recorrentes nas narrativas foram os de ordem mental. Em grande parte dos contos, conforme destacado, a dimensão psicológica figura de forma marcante, evidenciando como a pandemia, dado o seu caráter abrupto e catastrófico,

afetou a saúde mental dos personagens. Desse modo, as histórias dão visibilidade aos inúmeros desafios impostos por um contexto totalmente inédito, desestabilizando rotinas e relações sociais, além de alterar as dinâmicas políticas, econômicas, culturais e subjetivas. Também trouxe à tona a percepção da nossa finitude e transitoriedade de tudo que nos cerca, como postula Brandileone (2021, p. 16):

A pandemia (re)acendeu um alerta que, possivelmente, tínhamos esquecido, dado o nosso domínio em (quase) todas as esferas do conhecimento: a de que o ser humano continua sendo mais uma das espécies vivas do planeta, ou como quer Žizek, “Na ordem mais ampla das coisas, somos uma espécie sem importância” (2020, p. 32). Afirmção esta que se inscreve na noção de nossa finitude, fragilidade e impotência diante de uma força (in)visível que se alastra e engole a todos nós.

Nessa perspectiva, a coletânea, ao mesmo tempo em que nos coloca à frente das mais diversas agruras, conflitos e emoções vivenciadas durante a pandemia, é instrumento de reflexão crítica, pois nos permite compreender as transformações sociais e emocionais impostas por esse contexto, além de evidenciar a vulnerabilidade humana diante de forças que escapam ao nosso controle.

Para além desses aspectos, os contos também lançam luz sobre as trevas de uma memória recente e, longe de oferecer certezas à nova ordem do ser e do existir corroborada pela complexidade multifacetada da pandemia e seus efeitos, que falam à vivência do leitor desde as primeiras páginas, vertem muitas perguntas sem resposta, questionamentos, desejos e reflexões capazes de alimentar uma forte – e muitas vezes angustiante – dúvida sobre os impasses do momento atual e incertezas do que está por vir.

Referências

- AGUIAR, Cristhiano. Primeiros casos de literatura com COVID-19. **Suplemento Pernambuco**, Recife, n. 175, p. 12-17, set. 2020.
- AGUIAR, Cristhiano. Espaços do isolamento, espaços do movimento: Covid-19 e o espaço narrativo nos contos de Carol Bensimon, Javier Arancibia Contreras e Sérgio Tavares. **Abusões**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 15, 2021.
- BIRMAN, Joel. **O Trauma na Pandemia do Coronavírus**: suas Dimensões Políticas, Sociais, Econômicas, Ecológicas, Culturais, Éticas e Científicas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.
- BRANDILEONE, Ana Paula Franco Nobile. Desdobramentos da Pandemia da COVID-19 e o Radar da Produção Literária Brasileira Contemporânea. **Revista Crioula**, São Paulo, no. 27, p. 15-39, 1. semestre 2021.

BRASIL, ANSA. Número de mortes por Covid no mundo supera 7 milhões, diz OMS. **Uol**, Genebra, 11 jan. 2024. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimasnoticias/ansa/2024/01/11/numero-de-mortes-por-covid-no-mundo-supera-7-milhoes-diz-oms.htm>. Acesso em: 09 out. 2025.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua: PNAD Contínua**. Rio de Janeiro: IBGE, 2024. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/saude/17270-pnad-continua.html>. Acesso em: 15 out.2025.

SEREZA, Haroldo Sereza; MONTELEONE, Joana (orgs). **Histórias da pandemia**. São Paulo: Alameda, 2020.

MORICONI, Ítalo. Ítalo Moriconi: “Já existe uma literatura da pandemia”. **O Globo**, Rio de Janeiro, 21 mar. 2021. Entrevista concedida a Bolívar Torres.

REIS, Ana Cristina M; LOPES, Carlos. **Dicionário de teoria da narrativa**. São Paulo: Ática, 1988.

RESENDE, Beatriz. **Contemporâneos**: expressões da Literatura Brasileira no século XXI. Rio de Janeiro: Casa da Palavra/Fundação Biblioteca Nacional, 2008.

ROCHA, Lucas. Casos de ansiedade e depressão cresceram 25% durante a pandemia, diz OMS. **CNN Brasil**, São Paulo, 02 mar.2022. Disponível em <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/casos-de-ansiedade-e-depressao-cresceram-25-durante-pandemia-diz-oms/>. Acesso em: 09 out. 2025.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. **Ficção brasileira contemporânea**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.